

7

PLATÃO E A RELIGIÃO
ARCAICA:
CONSIDERAÇÕES SOBRE
AS INFLUÊNCIAS
PITAGÓRICA, ÓRFICA E
DOS MISTÉRIOS
ORACULARES

Weriquison Simer Curbani

Mestre em Filosofia pela Universidade
Federal do Espírito Santo

RESUMO

O estudo tem como proposta apresentar a filosofia (φιλοσοφία) de Platão sob a ótica da influência da tradição religiosa da Grécia arcaica, levando em conta a herança de elementos herdados do pitagorismo, do orfismo, dos poetas antigos, assim como, do culto ao sagrado oriundo dos oráculos. A partir dessa perspectiva, buscaremos mostrar esse viés metafísico do pensamento platônico e sua relação com o divino. Para isso, passaremos por passagens de obras como o *Fedon*, *Fedro*, *República*, *Timeu*, entre outras, que retratam bem esta vinculação com a sabedoria (σοφία) divina. Passaremos, também, pela questão da *doxa* (δόξα) e da *episteme* (ἐπιστήμη) ilustrando como se dá esse trajeto que vai da ignorância ao conhecimento iniciático.

Palavras-chave: Divino. Oráculo. Sabedoria.

INTRODUÇÃO

Ao que parece, não há dificuldade de encontrar o espaço adequado para falar sobre religião a partir do pensamento platônico. De início, podemos dizer que tal dificuldade não se opera porque é comum e consensual, entre muitos autores, admitir que há em Platão uma forte relação com o divino, de modo que, para a história da filosofia, essa referência que vincula o viés platônico como estando atrelado aos deuses, já tornou-se algo, por assim dizer, resolvido. Mas, se não bastasse o que a própria história já mostra, poderíamos, ainda, recorrer às próprias obras de Platão que, ao apresentar um cabedal de variados temas, tais obras encontram-se, em vários momentos, emolduradas por uma metafísica que toma como modelar, paradigma, aquilo que diz respeito à perfeição divina.

PERSPECTIVA HISTÓRICA: A CRISE INSTAURADA NA PÓLIS (ΠΟΛΙΣ).

Em obras como o *Fédon* (Φαίδων), a título de exemplo, Platão aborda, entre outras coisas, a questão da imortalidade da alma, discorre sobre o *Hades* – local para onde vão as almas após a morte –, e aborda o julgo dos deuses sobre a conduta dos homens; já no *Fédro*

(Φαίδρος), tematiza o amor divino e, o filósofo (φιλόσοφος) é posto, aí, como alguém tomado de delírio erótico percorrendo um caminho que vai desde as formas mais instintivas de amor até as mais sublimes, nesta obra, Sócrates estabelece um diálogo com um jovem (Fédro), unicamente, em função de uma retratação (παλινωδία) ao deus Eros; assim também, no *Banquete* (Συμπόσιον), os diálogos entre os convivas na casa de Agatôn se descrevem na direção de um máximo esforço a fazer um elogio a esse mesmo deus (Ερος), na ocasião, uma das falas mais importantes aparece na voz de Sócrates e revela conhecimentos de uma sacerdotisa chamada Diótima; ao nos voltarmos para a *República* (Πολιτεία), veremos que o tema principal do diálogo, a saber, a justiça (δικαιοσύνη), emerge no Livro I a partir dos mitos sobre o Hades, e, durante todo o diálogo há inúmeras referências em torno do divino, uma das passagens mais emblemáticas encontra-se no Livro II, em que se diz que, os guardiões (φύλακας) da *Pólis* (πόλις) devem ser semelhantes aos deuses (θεῖοι γίγνεσθαι).¹ Tais guardiões, sabemos, são os próprios filósofos, os responsáveis pela guarda da cidade. Do mesmo modo, no *Timeu* (Τιμαιοῦς), vemos Platão tratar do cosmos (κοσμος) e no contexto de uma *demiurgia* cosmológica constatamos, igualmente como ocorre em outras obras, o quanto é significativo tomar o divino como fundamento de realidade, enfim, o divino está imerso na literatura platônica como elemento estrutural de ordem filosófica e se coloca como peça fundamental para a arquitetura e composição do real.²

Levar em conta o quanto o divino é significativo para Platão, nos faz indagar como essa vinculação tomou proporções tão radicais para tal filósofo. Talvez, então, devemos recorrer à Grécia dos tempos de

¹ *Rep.*, 383c: ὅταν τις τοιαῦτα λέγῃ περὶ θεῶν, χαλεπανοῦμέν τε καὶ χορὸν οὐ δώσομεν, οὐδὲ τοὺς διδασκάλους ἔασομεν ἐπὶ παιδείᾳ χρῆσθαι τῶν νέων, εἰ μέλλουσιν ἡμῖν οἱ φύλακες θεοσεβεῖς τε καὶ θεῖοι γίγνεσθαι, καθ' ὅσον ἀνθρώπων ἐπὶ πλεῖστον οἶόν τε.

² Citamos apenas algumas das obras que melhor nos serve de exemplo para o propósito do estudo que aqui queremos realizar, mas são inúmeras as referências que Platão faz ao divino em seus demais escritos.

Platão para vislumbrarmos, quem sabe, algo que possa nos dar um norte para compreendermos, mesmo que pouco, as influências que afetaram e deram moldes à sua filosofia.

Segundo consta, Platão viveu nos anos que datam de 427 a 347 a.C.³ e, pelo que se sabe, imerso em uma época de crises de valores éticos, políticos e religiosos. Em grande parte, sob o olhar platônico, essa crise foi veiculada ou, no mínimo, intensificada pelos sofistas, educadores que prezavam por um ensinamento que objetivava a *areté* (ἀρετή),⁴ ou seja, pautavam-se naquilo que era o melhor, a *excelência*, tal ensinamento buscava certa fundamentação crítica que, por fim, levava as pessoas a não mais credibilizar o que, até então, era tradição.

De acordo com Diôgenes Laêrtios, Platão nasceu no ano da morte de Péricles,⁵ um dos maiores políticos gregos. Com Péricles, a democracia ateniense alcançou seu ápice e a política tornou-se uma temática importante para todos os cidadãos. Esse cenário político, sobretudo democrático, possibilitou que os sofistas se aprimorassem com maestria na arte de bem falar, na persuasão, com isso, a retórica ganhou especial importância, porque era muito útil no meio político ter o domínio das palavras.

Diz-se, portanto, que os sofistas passavam de cidade em cidade oferecendo seus conhecimentos “em troca de um alto honorário”,⁶ por fim, os discursos fundavam-se cada vez mais na *disputa*, já que o solo democrático garantia o direito à fala, e, portanto, a capacidade de vencer pelo argumento foi exaltada. A partir de então, Platão fará severas críticas a essa conduta sofisticada de supervalorizar o domínio da técnica (τέχνη) persuasiva, o que, contribuirá para afixar na história

³ Para detalhes cf. KRAUT, Richard. **Introduction to the study of Plato**. In: _____ (Org.). *The Cambridge Companion to Plato*. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 30.

⁴ O termo *areté*, frequentemente é traduzido por virtude, mas essa não é a tradução mais adequada. *Areté* (ἀρετή) melhor se deixa traduzir por “*excelência*”.

⁵ LAËRTIOS, Diogenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres**. Brasília, EdUnB, 1988. p. 85.

⁶ BURKERT, Walter. **Religião Grega na Época Clássica e Arcaica**. Lisboa: Fundação. Calouste Gulbenkian, 1993. p. 591.

quase que uma única caricatura desse personagem, o desenhando como despreocupado com a verdade (ἀλήθεια) e com os valores éticos.⁷ Afirmar Burkert que:

Desde Platão, a palavra “sofista” foi adoptada em sentido pejorativo, designando um charlatão que engana com a sua pseudo-sabedoria. Aliás, o próprio Platão podia fundamentar o seu veredicto numa antipatia contra os “sofistas” já há muito exprimida.⁸ Isto faz que seja difícil não encarar logo à partida o movimento sofista, que domina a segunda metade do século V, do ponto de vista da “degeneração” das boas e velhas tradições, particularmente da moral e da religião.⁹

Com a advento da democracia e a liberdade do discurso, os ensinamentos do passado foram perdendo lugar para as novas reflexões políticas. Com relação a isto, Roberto Bolzani diz que: “*Foi certamente esse o principal motivo para que as antigas tradições religiosas fossem repensadas e o homem passasse a olhar para o divino com olhos mais críticos e independentes*”.¹⁰

Na mesma direção, mais uma vez ressaltar Burkert:

Tudo do que até aí se tinha falado podia ser introduzido nas controvérsias, política e educação das crianças, filosofia natural e medicina, palavra poética e religião. São assimiladas sobretudo as formas da filosofia eleática, especialmente a antítese radical entre “ser” e “não ser” e a argumentação impiedosa para além de toda evidência. [...] O mito é deixado para trás. A palavra *mythos*, obsoleta na Ática, é desvalorizada e passa a designar o que os antigos poetas narravam e que agora já só se conta às crianças. Um sofista pode utilizar um “mito” como forma de ocultar ou embelezar o que pretende dizer. Mas já não é possível utilizar para contar uma história que cause espanto e deleite a uma audiência e que sirva para o entendimento de uma complexa realidade.¹¹

Conforme dissemos, os valores e verdades dos antigos são suspensos pela sofística neste período de exaltação do ideário

⁷ PLATÃO. **A República**. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 9º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, 493a-c.

⁸ Adverte que “a palavra é mais antiga do que a própria sofística; Píndaro considera-se ele próprio sofista”. Cf. nota 41.

⁹ BURKERT, 1993. p. 591.

¹⁰ BOLZANI, Roberto Filho. **Platão: Verdade e justiça na cidade**. In: FIGUEIREDO, Vinicius de (Org.). *Seis Filósofos em Sala de Aula*. São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2007. p. 23.

¹¹ BURKERT, 1993. p. 592.

democrático e do saber técnico da retórica, mas não é que se desconsidera o que é tradição, pelo contrário, parece que tudo fica confinado ao que é mera convenção humana, de modo que, parece não haver nada extraordinário, tudo é bem ordinário. Por isso, todos os feitos do passado são achatados e passam a constar como algo que não mais mereça crédito. Portanto, tudo ganha configuração de hábito e os homens mudam esses hábitos quando bem querem e, o passado fica, então, apenas como passado, visto que, as regras para a dada conjuntura sofisticada já seriam outras. *“Nómos, “costume” e “lei” toma-se um conceito central da reflexão sofisticada”*. *As leis são feitas pelos homens e por eles alteradas arbitrariamente*.¹² Assim, *“é na tradição, portanto do nómos, que assentava a religião, como os gregos bem sabiam. Com o distanciamento face ao nómos, pelo menos teoricamente, os alicerces da religião são abalados”*.¹³

Vemos então, que esses educadores promoveram uma revolução no modo de vida do povo, sobretudo no que diz respeito às verdades religiosas. Segundo Jaeger: *“A velha educação helênica, anterior aos sofistas, ignora a distinção entre religião e cultura. Está profundamente enraizada no religioso. A cisão tem lugar no tempo dos sofistas, que é ao mesmo tempo a época da criação da ideia consciente de educação”*.¹⁴

Não sabemos ao certo o que levou Platão a arquitetar sua filosofia levando a cabo, tão profundamente, o ideal ético, assim como o político, o pedagógico, estético, psicológico e, acima de tudo, metafísico-religioso, mas certamente o movimento sofístico não receberia árduas críticas por acaso. O momento do nascimento de Platão é marcado por progressos culturais e artísticos, mas também é de crises. Platão nasce em plena Guerra do Peloponeso, uma guerra entre

¹² BURKERT, 1993. p. 593.

¹³ BURKERT, 1993. p. 593.

¹⁴ JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes/Universidade de Brasília, 2003. p. 352.

Atenas e Esparta que envolveu toda a Grécia, era uma guerra de gregos contra gregos; Platão assiste esse conflito e quando adulto testemunhou o fim da guerra e a decadência da democracia, vê Esparta sair vencedora e impor governos ligados a ela.¹⁵

Certamente, esse é um dos pontos mais críticos: ver gregos lutando com gregos. Há uma crise generalizada de valores, o homem já não tem mais referencial para guiar-se com sabedoria, e, em grande parte, essa condição foi reforçada pelos sofistas que, sob o olhar de Platão, alimentavam as almas com o pseudo-saber.

Quando Platão encontra Sócrates, é levado a compreender que os cidadãos não tem o saber que eles pensam ter. *“Platão passa então a ver na postura pessoal desse homem um modelo, talvez o único caso de conduta que lhe pareça escapar da decadência da democracia ateniense, causada pela Guerra do Peloponeso”*.¹⁶ Na tentativa de arrancar os cidadãos das sombras da ignorância, Sócrates acaba condenado à morte, *“isto teve no jovem Platão um efeito decisivo, pois, como ele mesmo dirá, a morte de seu mestre o levou a concluir que somente a filosofia poderia fornecer um meio de salvação das cidades”*.¹⁷

Mediante isso que ficou dito, uma possível interpretação que aqui propomos é a de que Platão enxergou a urgência de reestruturar o modo de vida grego, com isso, se pôs a combater os ensinamentos da sofística que, em nada, levava o homem às verdadeiras virtudes da alma (ψυχή). O cidadão grego carecia de parâmetro para lhe dar um norte em direção à vida ética. Primeiramente, Platão encontra esse parâmetro em Sócrates, na medida em que, aprende com o mestre o cultivo da sabedoria. Mas Platão também resgata os valores perdidos tão apregoados pelos poetas arcaicos; ele aproveita elementos da

¹⁵ BOLZANI, 2007. p. 24-25.

¹⁶ BOLZANI, 2007. p. 25.

¹⁷ BOLZANI, 2007. p. 29.

religião antiga, valoriza os mistérios e funda uma metafísica que tem como teleologia levar o homem de encontro com o divino.

Como muito bem disse Werner Jaeger: *“Fundamentalmente, é o espírito religioso da antiga educação helênica que toma forma nova na filosofia de Platão. Platão ultrapassa a ideia de educação dos sofistas, precisamente porque volta atrás e remonta à origem”*.¹⁸ E diz ainda que, Platão, ao chegar ao termo da sua vida e do seu saber, teria, na obra intitulada *Leis*, transformado *“a célebre frase de Protágoras: O homem é a medida de todas as coisas, no axioma: A medida de todas as coisas é Deus”*.¹⁹

A HERANÇA PITAGÓRICA E ÓRFICA NA FILOSOFIA DE PLATÃO

Segundo Diôgenes Laêrtios, Platão, *“aos 20 anos, tornou-se discípulo de Sócrates. Quando este morreu ele passou a seguir Crátilo, adepto da filosofia de Heráclito, e Hermógenes, praticante da filosofia de Parmênides”*. Depois retirou-se para Mênara com outros discípulos de Sócrates e se juntou a Eucleides, um estudioso de Parmênides que *“sustentava que o bem supremo era na realidade um só, embora tivesse muitos nomes – às vezes sabedoria, às vezes deus, ou então espírito, e assim por diante”*. Em seguida, Platão foi para Cirene em busca do matemático Teôdoro, e de lá prosseguiu *“para a Itália a fim de encontrar-se com os pitagóricos Filôloas e Êuritos; da Itália viajou para o Egito em visita aos profetas, segundo dizem acompanhado por Eurípedes, que lá adoeceu e foi curado pelos sacerdotes”*, Eurípedes foi poeta e discípulo de Anaxágoras. Consta, por fim, que *“Platão pretendia ainda encontrar-se com os Magos, porém foi impedido de fazê-lo pela guerra na Ásia”*.²⁰

¹⁸ JAEGER, 2003. p. 352.

¹⁹ JAEGER, 2003. p. 351.

²⁰ LAÊRTIOS, 1988. p. 86.

Esse caminho trilhado por Platão o influenciará de tal modo que seu pensamento será estruturado a partir de três bases fundamentais, a saber, a doutrina de Heráclito, que o pôs a pensar sobre o devir e o sensível; a de Pitágoras, que o remeteu aos números e o levou a pensar no inteligível e, acima de tudo, a doutrina de Sócrates, que o fez conhecer a política e o revelou os bens da alma quando se cultiva as virtudes.²¹ Mas, Platão não se limita a esses três filósofos, pois conhece profundamente seu passado e herda grande parte da sabedoria ali presente, não é a toa que seus escritos são tomados por muitos historiadores como fonte de pesquisa, tendo em vista o grande número de referência a diversos autores.

Devido a esse acesso ao conhecimento de outros, muitas de suas ideias que, a primeira vista, parecem inéditas, são na verdade herdadas de poetas, de sábios, enfim, de teorias já existentes, mesmo que em estágio rudimentar. Um exemplo disso é a noção de *bem supremo* como algo único, já, levada a cabo por Euclides, assim como, há indícios de que Epícaros já expressava claramente “*acerca do sensível e do inteligível*”.²² Sem contar a concepção platônica de ideia, enquanto matriz ou unidade singular no inteligível como essência das coisas materiais, tudo indica, que tal concepção é derivada do pitagorismo que, por sua vez, considerava os objetos como imitações dos números, como atesta Aristóteles na *Metafísica*.²³ Também devemos considerar o que Platão escreve sobre a reencarnação, possivelmente, isto, de igual modo, teria vindo de Pitágoras e tradições anteriores.

Diante disso, podemos dizer que Platão, reuni e sintetiza, nele, vários elementos que já estavam presentes em sua época, mas ao fazer isso, o contato com seus contemporâneos e leva a encontrar o

²¹ LAÉRTIOS, 1988. p. 87.

²² LAÉRTIOS, 1988. p. 87.

²³ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio Introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale, vol. II. Trad. para o português de Marcelo Perine. Ed. Loyola. São Paulo, Brasil, 2002, p. 35 e 37.

caminho para realizar uma *katábasis* (κατάβασις) aos antigos, uma espécie de descida em direção à sabedoria da tradição arcaica.

De todas as influências possíveis, seja no campo das artes, como a poesia (ποίησις) e a música (μουσική); seja no campo das ciências, como a matemática ou, então, no campo das técnicas, como a retórica e a escrita, gostaríamos de ressaltar, aqui, a vinculação de Platão com a religião, sobretudo as influências órficas e pitagóricas.

No tocante a Pitágoras, de acordo com dados históricos, Platão teria adquirido livros sobre sua doutrina através de Filolau, um pitagórico que teria sido o primeiro a publicar os conhecimentos pitagóricos. Segundo consta, Filolau escreveu um livro, e Platão “*quant o esteve na Sicília para encontra-se com Dionísios, havia comprado dos parentes de Filôlaos por quarenta minas de prata*” e, a partir daí, transcreveu essa obra no *Timeu*. “*Segundo outros autores, Platão havia recebido esse volume por haver conseguido que Dionísios libertasse um jovem prisioneiro, discípulo de Filôlaos*”.²⁴

Conforme ficou dito acima, acerca do *Timeu*, há de se supor, também, que em muitas outras obras de Platão poderá, mesmo que implicitamente, revelar elementos herdados do pitagorismo. É possível notar a admiração de Platão por Pitágoras nas passagens 600a-b e 530d da *República*, em que, uma faz menção ao estilo de vida pitagórica que se assemelhava muito ao estilo de vida homérica, ambos, Pitágoras e Homero são tomados como guia e educadores a quem seus seguidores estimavam suas companhias, e, a outra, refere-se ao conhecimento dos pitagóricos que, consideravam a astronomia e a harmonia como ciências irmãs. Estes dois pontos, “*os únicos que Platão*

²⁴ LAËRTIOS, 1988. p. 249.

se refere expressamente a Pitágoras e aos Pitagóricos, mostram-nos as duas faces do Pitagorismo – a religioso-ética e a filosófico-científica”.²⁵

Os estudiosos Kirk, Raven e Schofield dizem que:

O *Fédon*, por exemplo, recria eloquentemente uma autêntica mescla pitagórica de ensinamentos escatológicos sobre **o destino da alma com uma prescrição ético-religiosa**, e situa-a no contexto pitagórico de uma discussão filosófica entre amigos. E reiteram: (Feliz é a sugestão de Burnet, ai afirmar que “o Fédon é, por assim dizer, dedicado à comunidade pitagórica de Flunte”). Reconhecem, ainda, “a adesão de Platão às ideias numerológicas no *Timeu*, no *Filebo* e nas famosas, se bem que obscuras, “doutrinas não escritas”.²⁶ (Grifo e alterações do autor).

Sobre a vida de Pitágoras, sabe-se que, ainda jovem teria se iniciado “em todos os ritos dos mistérios, tanto helênicos como bárbaros”.²⁷ Mais tarde saiu de Samos e foi para o Egito, esteve com os sacerdotes e também encontrou-se com os caldeus e com os magos. Acerca do Egito, conta-se que Pitágoras “entrara nos santuários e aprendera os ensinamentos secretos da teologia egípcia”.²⁸ Quando retornou a Samos, fundou uma sociedade secreta que reunia em torno de trezentos homens.²⁹ A respeito desse assunto, Dodds, na obra *Os Gregos e o Irracional*, assim se pronuncia: “Sabemos de todo modo que Pitágoras fundou uma espécie de ordem religiosa, uma comunidade formada por homens e mulheres, cuja regra de vida era determinada pela expectativa das vidas posteriores”.³⁰

Pitágoras, certamente aprendeu muitas coisas com os mistérios e depois transmitiu esses ensinamentos a um núcleo mais restrito de pessoas que pudesse ser por ele educado. Pelo que se sabe, não era

²⁵ KIRK, G.S., RAVEN, J. E, SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2008. p. 223.

²⁶ KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2008. p. 224.

²⁷ LAÉRTIOS, 1988, p. 229.

²⁸ LAÉRTIOS, 1988. p. 229.

²⁹ Para maiores detalhes sobre o assunto, favor consultar LAÉRTIOS, p. 229; KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, p. 237.

³⁰ DODDS, E. R. **Os gregos e o irracional**. Trad.: Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002. p. 147.

fácil se juntar a Pitágoras e a seus discípulos, há relatos de que necessário seria se submeter às regras da ordem, e todos estariam unidos por juramento. Tudo leva a crer que os iniciados nos mistérios sabem de algo que os homens comuns não sabem. Pitágoras dizia aos membros que o estilo de vida que eles levavam, na ordem, lhes garantiria um por vir, melhor.³¹ Nesse sentido, há, aí, uma aristocracia religiosa que, literalmente, se diferenciava da maioria, em outras palavras, seriam eles os eleitos dos deuses. Esse núcleo, tudo indica, estudava coisas que dificilmente sairiam dali, e não sabemos se para isso havia uma razão, mas, afirmavam alguns pitagóricos “*que nem tudo podia ser revelado a todos*”. Talvez, o nome mistérios venha, mesmo, fazer sentido para um iniciado, ao passo que, para o homem comum, estaria distante de compreensão.

Há, ainda, atribuições de poderes a Pitágoras, algo que o revela como mago. Estudos referentes a essa face de Pitágoras afirmam o seguinte:

Aristóteles diz que Pitágoras foi chamado de Apolo Hiperbóreo pelo povo de Crotona. O filho de Nicômaco [i.e. Aristóteles] acrescenta que Pitágoras foi visto certa vez por muita gente, no mesmo dia e à mesma hora, tanto Metaponto como em Crotona; em que me Olímpia, durante os jogos, ele se pôs de pé em pleno teatro e mostrou que uma das suas coxas era de ouro. O mesmo escritor diz que Pitágoras, ao atravessar o rio Cosas, foi saudado por este, e muita gente ouviu essa saudação.

Novamente em Caulónia, segunda afirma Aristóteles, profetizou o advento de uma urso branca; e é ainda Aristóteles que, em aditamento a muitas outras informações a seu respeito, diz que na Tuscânia matou à dentada uma serpente, cuja, mordedura era fatal. Refere ainda Pitágoras predisse aos Pitagóricos o próximo conflito político; foi essa a razão que o levou a partir para metaponto sem que ninguém se tivesse dado conta disso.³²

Esses dizeres sobre Pitágoras o aproxima de várias figuras da Época Arcaica que, também, realizavam “*estranhas proezas espirituais*,

³¹ DODDS, p. 148.

³² KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2008. p. 238.

em que se incluíam profecias, exibições de poder sobre o mal, jejuns e desaparecimentos e reaparições misteriosas”, como é o caso de Aristetas, Abáris e Epiménides. Realizações, tais como as de Pitágoras, sugerem que talvez sejam possíveis através de “poderes psíquicos fora do comum”.³³ Tudo isso, inegavelmente, está vinculado à linguagem própria dos mistérios oraculares a que Pitágoras teve acesso.

Acerca dos ritos e cultos religiosos em torno dos mistérios, há pontos de encontro entre as práticas órficas e pitagóricas. Possivelmente, Pitágoras teria assimilado a sabedoria do orfismo. Sabe-se que os órficos consideravam o corpo uma espécie de prisão para a alma; não comiam nem sacrificavam animais; prezavam pela crença na reencarnação, enfim, tudo isso remete à Pitágoras.

Apesar das semelhanças e dessemelhanças entre as doutrinas religiosas, adverte Burkert: “Os báquicos, os órficos e os pitagóricos são círculos cada um com o seu próprio centro, que coincidem parcialmente, mas que conservam cada um, o seu domínio próprio”.³⁴ Embora dito isso, devemos frisar, no entanto, que os órficos e pitagóricos estão mais próximos de uma correspondência no que tange as suas doutrinas, visto que, por exemplo, “os órficos não comem carne, ovos, favas e não bebem vinho” – já os círculos de Baco são impensáveis sem vinho –, portanto, esse modo de vida órfico comunga muito com o modo de vida pitagórico, que preza pela mesma pureza dietética.³⁵ Talvez o ponto comum sob o qual todos esses círculos partilhem seja aquele que diz respeito à transmigração da alma, algo que, por assim dizer, continua a ser cultivado dentro das obras de Platão como verdade apropriada dessa mesma tradição.

Platão, no *Fédon*, descreve o destino da alma e deixa expresso que recebe tal conhecimento dos iniciados nos mistérios, pois faz

³³ KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 2008. p. 238.

³⁴ BURKERT, 1993. p. 570.

³⁵ BURKERT, 1993. p. 573.

menção, aí, aos bacantes e os órficos, por exemplo. Certa passagem da obra diz que: “*Todo aquele que atinja o Hades como profano e sem ter sido iniciado terá como lugar de destinação o Lodaçal, enquanto aquele que houver sido purificado e iniciado morará, uma vez lá chegado, com os Deuses*”.³⁶ Aqui se preconiza, também, certa purificação, tal purificação consiste em apartar, o mais possível, a alma do corpo, pois o corpo seria um cárcere que distorce e impede o alcance das verdades divinas. Esse ensinamento, pelo que consta, deriva da tradição órfica.³⁷ Parece que o lugar mesmo da alma, como considera Platão, é junto aos deuses no inteligível.

Do mesmo modo, no *Fédro*, o tema da dualidade corpo e alma também é abordado de forma a dar margem para que se pense em um ambiente próprio das almas, que a alma o atinge somente quando se livra do corpo, diz-se que: “*Sempre é a alma toda que dirige o que não tem alma [...] Quando perfeita e alada, caminha nas alturas e governa o mundo em universal. Vindo a perder as asas, é arrastada até bater nalguma coisa sólida, onde fixa moradia e se apossa de um corpo de terra*”.³⁸ Portanto, o corpo é posto apenas como receptáculo da alma e esta, por sua vez, entra em contato com realidades que, quando presa ao corpo, tais realidades não se fazem possíveis de serem conhecidas.

Essa dicotomia entre corpo e alma também se faz tema da *República*, na medida em que, se estabelece uma separação – mas ao mesmo tempo interligação – entre sensível e inteligível. Essa discussão ganha força, mesmo, quanto Platão apresenta sua teoria das ideias a

³⁶ *Fed.*, 69c.

³⁷ Cf. PLATÓN. **Dialogos: Fedón, Banquete, Fedro**. Traducciones, introducciones y notas por C. García Gual, M. Martínez Hernández, E. Lledó Iñigo. Madrid: Gredos, 1986. Ver, introdução ao *Fédon*, nota 18, p. 35-36: “Esos “misterios” son, con seguridad, doctrinas órficas. De acuerdo con ellas, el cuerpo viene a ser una prisión, o incluso una tumba, según las alusiones de Platón a tal doctrina, en *Crátilo* 400c, y *Górgias* 493a (ver la amplia nota od. loc. de C. Eooers Lan, *Platón, Fedón*, Buenos Aires, 1971, págs. 97-100) – Traduzco *phrouá* por “prisión”, ya que indica un lugar vigilado; en *Crátilo* se usa el término *desmoterion* “cárcel”.

³⁸ *Fedr.*, 246b-c.

partir das imagens presentes nos Livros VI e VII, quais sejam, as imagens do Sol, da Linha dividida e a da Caverna. Nestas imagens fala-se da possibilidade de transcender a barreira do sensível e alcançar o inteligível.

Frequentemente, toma-se essas duas dimensões como fossem dois mundos – como adverte Gail Fine ³⁹ –, mas o próprio Platão não deixa expresso que se refere a mundos (κόσμος), mas a âmbitos que podem ser interpretados por mundos. Afirmamos isso porque, embora não esteja presentes nas três imagens nenhuma referência ao *Hades* (Ἅδης), ou a reminiscência e coisas do gênero, em outras partes da obra se faz menção ao *Hades* – local para onde vão as almas –, assim como, ao ambiente dos deuses. ⁴⁰ Devemos lembrar, também, que essas três imagens descrevem um caminho de saber que vai da *doxa* (δόξα), ou seja, da mera opinião, à *episteme* (ἐπιστήμη), ao conhecimento. Nesse sentido, a visada platônica nessas imagens é, acima de tudo, pedagógica, pois objetiva ilustrar como se dá o processo de formação, quer dizer, *paideia* (παιδεία) da alma filosófica. Todo o esforço realizado nessa parte da *República*, visa levar o homem a enxergar o que há no suprassensível, ou seja, as ideias – não vem ao caso, aqui, analisar cada imagem (εἰκῶν) dessa, pois demandaria um tempo considerável e não é nosso propósito, neste momento, esmiuçá-las.

Se lembrarmos o que é educação (*παιδεία*) para Platão, não tardaremos a constatar que nada mais é que uma recordação, e, diga-se de passagem, daquilo que a alma já viu no inteligível (νοητόν). O inteligível é o lugar das essências, das ideias, melhor dizendo, é o lugar da verdade, pois, aí, reside aquilo que “é” e não aquilo que “parece ser”; é o lugar da *essência* e não da *aparência*. A alma, então, deriva

³⁹ FINE, Gail. **Plato on knowledge and forms**: selected essays. Oxford: Clarendon Press, Oxford University Press, 2003. p. 66 e 85.

⁴⁰ Cf. *Rep.*, 330d-331a e 500b-501c.

do inteligível e traz consigo tudo que já avistara quando estivera lá antes de vir a unir-se ao corpo. Presa no ambiente sensível, a alma esquece daquilo que conheceu no inteligível e, portanto, a educação, como dissemos, seria a arte (τέχνη) de fazer a alma lembrar o que ela já sabe, o termo empregado por Platão é *anamnesis*, quer dizer, recordação.⁴¹ Pela educação, o intelecto seria educado a avistar a ideia (εἶδος, ἰδέα) e, em última instância, a ideia suprema, a ideia do bem (ἀγαθόν).⁴² A propósito da *paideia* do olhar, logo após a discussão da imagem da Caverna, Sócrates diz a Gláucon:

[...] a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos. – Dizem realmente. – A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não? – A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios por isso.⁴³

Em suma, podemos afirmar que, em Platão, a verdade reside junto ao divino, portanto, no inteligível. O filósofo seria aquele capaz de ver, como na estória da caverna, a luz do sol, do conhecimento. Com isso contemplaria o Ser, o bem supremo, ou seja, o que há de mais divino e, portanto, alcançaria a máxima sabedoria possível a um homem. Essa via de acesso ao conhecimento leva o homem a libertar-se da escuridão da ignorância, e, quando se atinge o saber *noético*, aquele que advém pela filosofia, então, faz surgir na alma o sentimento político de preocupação com aqueles que ainda estão presos às ilusões

⁴¹ Cf. *Fedro* 250a e *Fedon* 73b-77a.

⁴² GOLDSCHMIDT, Vitor. **A religião de Platão**. Trad. Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. 2º ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 44.

⁴³ *Rep.*, 518 b-d.

terrenas. É aí, como descreve a imagem da caverna, que o filósofo encontrará, de fato, seu ofício, tal ofício consiste em tentar libertar alguns das sombras da ignorância, mas, pelo que consta, acaba por ser nomeado pelos outros como o que não enxerga, ou seja, não pensa de modo adequado.⁴⁴

Essa parece ser a história do próprio Sócrates que, na tentativa de levar os atenienses a libertarem-se da ignorância, acabara morto por eles. Ao que parece, toda essa conjuntura, fez com que Platão percebesse, de fato, o quanto se encontrava em crise seu próprio povo. De modo que, a partir de então, conduziu sua vida a buscar um saber que possibilitasse seguridade moral, política e, acima de tudo, religiosa aos homens de seu tempo. Tal saber, em grande parte, possibilitado pelos conhecimentos advindos da linguagem dos mistérios, veiculadas pelas doutrinas órfica e pitagórica. Pelo que se nota, esse saber emoldurado pelo espírito religioso arcaico seria, para Platão, aquilo que daria parâmetro aos gregos e, portanto, garantiria, a ordem política tão escassa na *Pólis* (πόλις).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metáfísica*. Ensaio Introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale, vol. II. Trad. para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.
- BOLZANI, Roberto Filho. Platão: Verdade e justiça na cidade. In: FIGUEIREDO, Vinicius de (Org.). *Seis Filósofos em Sala de Aula*. São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2007.
- BURKERT, Walter. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- DODDS, E. R. *Os gregos e o irracional*. Trad.: Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.
- FINE, Gail. *Plato on knowledge and forms: selected essays*. Oxford: Clarendon Press, Oxford University Press, 2003.

⁴⁴ *Rep.*, 517a.

- GOLDSCHMIDT, Vitor. *A religião de Platão*. Trad. Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes/Universidade de Brasília, 2003.
- KIRK, G.S., RAVEN, J. E, SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2008.
- KRAUT, Richard. Introduction to the study of Plato. In: _____ (Org.). *The Cambridge Companion to Plato*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- LAÉRTIOS, Diogenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília, EdUnB, 1988.
- PLATÃO. *A República*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 9º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- PLATÃO. *Fédon*. Translated by Harold North Fowler. Cambridge and London: Harvard University Press, 1995.
- PLATÃO. *Fedro*. Translated by Harold North Fowler. Cambridge and London: Harvard University Press, 1995.
- PLATÃO. *The Republic*. Translated by Paul Shorey. Cambridge and London: Harvard University Press, 1994.
- PLATÃO. *Dialogos: Fedón, Banquete, Fedro*. Traducciones, introducciones y notas por C. García Gual, M. Martínez Hernández, E. Lledó Iñigo. Madrid: Gredos, 1986.

Weriquison Simer Curbani

Mestrado em Filosofia (UFES)

Graduação em Filosofia (UFES)

Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC)

Pesquisador na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Antiga, Ontologia, Estética e Metafísica.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

CURBANI, Weriquison Simer. "Platão e a religião arcaica: considerações sobre as influências pitagórica, órfica e dos mistérios oraculares". *Unitas – Revista Eletrônica de Ciências das Religiões* [online]. Vitória-ES, vol. 2, jul.-dez., 2014, p. 92-108. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas>>.